

“A ‘árvore cósmica’ num apocalipse persa: um elo possível entre a cosmogonia indiana e a estátua de Daniel?” *

RESUMO

Este artigo visa a tornar mais compreensível o papel da “árvore cósmica” no texto persa *Bahman Yašt*. Para tal, apresento as relações desta árvore com outras, em diferentes contextos, como a *Soma* védica. Porém, o objetivo final desta pesquisa é procurar demonstrar o elo que une a “árvore cósmica” do BY com a estátua presente em Dn 2 e o mito do “homem primordial” indiano, descrito por Bardesanes.

ABSTRACT

This article intends to make more comprehensible the role of the “cosmic tree” in the Persian text *Bahman Yašt*. In order to realize this task, I present the relations between this tree and others, in different contexts, like the Vedic *Soma*. However, the final purpose of this research is to try to demonstrate the link that unites the BY’s “cosmic tree” with the statue in Dn 2 and the myth of the Indian “primordial man”, described by Bardesanes.

PALAVRAS-CHAVE: Judaísmo helenístico - Literatura apocalíptica - Literatura indo-européia arcaica - Concepções matahistóricas.

KEYWORDS: Hellenistic Judaism - Apocalyptic literature - Indo-European archaic literature - Metahistorical conceptions.

Neste artigo tentarei mostrar a relação da “árvore cósmica” do apocalipse persa *Bahman Yašt*¹ (também chamado de *Zand-i Vohuman Yašt*) com o “homem primordial” da cosmogonia indiana descrito pelo gnóstico Bardesanes (155-223 d.C.). Para tal, apresentarei simbolismos ligados à “árvore cósmica” e sua diferença com a “árvore da vida”. Também mostrarei a “árvore cósmica” do BY como variante da idéia de “árvore única portadora de todas as sementes”, além de seus aspectos cósmicos e temporais que a diferenciam das outras árvores da mitologia iraniana.

Primeiramente é necessário ter uma melhor noção do que é o *Bahman Yašt*. Este não é originalmente um apocalipse, mas sim “uma compilação secundária de material apocalíptico de diversas origens” [HULTGÅRD, 1998, p. 43]. De qualquer forma, este é o único texto que pode ainda ser chamado de “apocalipse persa”, pois apresenta elementos, em sua narrativa, de caráter apocalíptico, como os sinais anunciando o fim do milênio de Zoroastro e outros eventos relacionados ao fim dos tempos, além do diálogo entre Zoroastro e Ahura Mazda, o “Senhor da Sabedoria”, a visão de quatro eras e, posteriormente, a visão das sete idades (ambas com forte ligação com o livro de Daniel). O que se tem hoje do BY é apenas um comentário produzido no período sassânida (221 a.C.-642 d.C.) do original avéstico (um *zand*), assim, o texto é escrito em *pahlavi*, ou persa médio.

Mas o que realmente interessa neste artigo é a aparição da “árvore cósmica” no primeiro capítulo do apocalipse persa. Em BY 1 surge uma árvore com galhos metálicos - de ouro, prata, aço e de algo não especificado misturado a ferro - representando reinados persas, alguns míticos e outros históricos. Um paralelo óbvio se encontra em Daniel 2, onde o rei da Babilônia, Nabucodonosor, sonha com uma estátua cujas partes são compostas de ouro, prata, bronze e uma mistura de ferro e argila² - na interpretação fornecida por Daniel, uma seqüência de reinos mundiais, mas todos históricos (com exceção do império medo, na interpretação tradicional).

[...] *Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram e ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila [...].*

Aqui, nos distanciaremos do tema dos metais e iremos nos deter na árvore.

A árvore, tal como aparece no BY, representa períodos da “história mítica” do Irã zoroástrico. Ahura Mazda diz a Zoroastro, nesse primeiro capítulo, que a árvore é o mundo criado por ele, Ahura Mazda. Na primeira variante do mito do apocalipse, os galhos da árvore representam quatro idades e, apesar do aspecto cósmico não ser mais desenvolvido, está canalizado para a imagem do milênio de Zoroastro [HULTGÅRD, 1995, p. 110].

[...] *E, a partir disto, ele viu o tronco de uma árvore onde havia quatro galhos, um de ouro, um de prata, um de aço e um [no qual] ferro havia sido misturado. [...] Estes quatro galhos são as quatro épocas que virão. O de ouro é esta em que eu e você conversamos, e o rei Wištāsp aceita a religião e quebra os corpos dos dēws³ [...] E o de prata é o reinado [de] Ardaxšīr, o rei Kanaída. E o de aço é o reinado [de] Husraw de alma imortal, filho de Kawād. E o no qual ferro foi misturado é o maligno reino [dos] dēws de cabelo partido da descendência de Xēšm, quando isto for o fim do décimo século, ó Spitāmān Zarduxšt [...].*

Uma importante evidência que une a tradição de Daniel à “árvore cósmica” é apresentada na literatura para-daniélica qumraniana. Entre os Manuscritos do Mar Morto, 4Q552-553, de composição em aramaico, alude-se ao tema dos quatro impérios mundiais⁴ (como visto, também presente no livro canônico de Daniel). A novidade aqui é que a metáfora relativa aos impérios é feita a partir de quatro árvores, e não de uma estátua⁵. Assim, as árvores também apresentam um certo caráter cósmico - como a árvore do BY - mostrando que os paralelos entre os dois complexos míticos são bastante próximos. O que antes, na mitologia iraniana, era uma árvore representando quatro impérios por meio de seus galhos, agora se transforma em quatro árvores, cada uma assumindo o papel de um reino. Obviamente estamos tratando de um texto fragmentário, mas a idéia inicial de árvores simbolizando quatro

impérios mundiais está presente em 4Q552-553, já que é inicialmente mencionado o número de quatro reinos.

Segundo Eliade, a imagem da “árvore cósmica” faz-se presente em vários mitos para simbolizar o cosmos e sua seqüência de “nascimentos” e “mortes”, além de exprimir as idéias de vida, juventude, imortalidade e sapiência. Assim, a árvore consegue exprimir tudo o que é sagrado, logo “real”, para o homem religioso. A sacralidade da árvore acaba por desvendar as estruturas mais complexas do mundo, do ponto de vista mítico [ELIADE, 1996, p. 123-126].

A “árvore cósmica” ou “árvore do mundo” se confunde com a idéia da “árvore da vida” e pode assumir diversas funções, conforme o complexo mítico em que esteja inserida. Bottéro comenta que, na Mesopotâmia, a “árvore cósmica” está integrada com elementos históricos: no poema *Erra* 150, a descrição feita é a de uma árvore gigante, de características cósmicas, ligadas à tradição israelita [HULTGÅRD, 1995, p. 121]. Em Ez 31:3-8, uma espécie de cedro do Líbano também é descrito como nutrido pelas águas primordiais, sendo maior que todas as outras árvores e assumindo uma dimensão cósmica.

Em Dn 4:7b-9 também encontra-se a descrição de uma árvore de grande altura, no centro da Terra, que atinge o céu e tem folhagem e frutos em abundância, notadamente representando características de uma “árvore da vida”⁶. Tanto Dn quanto Ez fazem uso de uma mesma tradição mítica, com origens na “árvore cósmica” mesopotâmica. Parpola defende a tese de que a “árvore da vida” assíria simboliza a ordem mundial divina, mas não só se referindo ao macrocosmos como também ao homem como um microcosmos (o homem ideal criado à imagem de Deus)⁷ [PARPOLA, 1993, p. 173]. Muito desta ideologia também circula entre os reis aquemênidas iranianos que, assim como os assírios, viam na “árvore da vida” um símbolo da monarquia imperial, pois era a representação também do rei [EDDY, 1961, p. 26-29].

Na Índia antiga as idéias de “árvore cósmica” são muito variáveis, suas descrições textuais completas são bastante tardias e oferecem reinterpretações especulativas dos mitos na época védica ou pré-védica. Entre tais árvores está a árvore *asvattha* (citada no *Atharvaveda*), que aparentemente liga-se à árvore iraniana “portadora de todas as sementes”, por sua função curativa e à *soma* (descrita no *Rigveda*), planta divina com aspectos cósmicos - e talvez rituais e alucinógenos, também.

No norte da Europa, em períodos muito remotos, a árvore mítica aparece para os povos bálticos com o nome de *saules koks* (“árvore do sol”), mas não apresenta traços cósmicos com clareza, ao contrário da “árvore cósmica” escandinava que aparece nos poemas *Völuspá* e *Grimnismál*. No *Völuspá* a árvore gigante se chama *Yggdrasil* e eleva-se majestosamente sobre a terra com nove galhos que são interpretados como nove mundos (esses mundos aparentemente relacionam-se com as nove montanhas dentro do tronco da “árvore cósmica” citadas no *Bundahišn*⁸). Nos *Grimnismál*, a árvore aparece com três raízes que se estendem por três lados diferentes onde mora a deusa do subterrâneo *Hel* num dos lados, os gigantes noutra e os homens no terceiro lado. No *Grimnismál* 35, em especial, a árvore mítica simboliza o mundo em seu aspecto temporal.

Ao falar sobre os deuses indo-iranianos, Boyce realça o papel da “árvore de todas as sementes”, também chamada de “árvore de toda a cura”, que cresce no mar *Vourukasha*. Segundo ela, a crença nessa árvore provavelmente está ligada aos cultos de árvores posteriores, onde é comum a veneração a grandes árvores com poder de cura [BOYCE, 1979, p. 7].

Nas coleções de textos *Vidēvdāt*⁹ e nos comentários do tipo *Yašt* se encontram temas míticos relacionados à idéia de uma árvore gigante. O *Yašt* 12, dedicado à *Rašnu*¹⁰, menciona uma árvore mítica. No *Vidēvdāt*, uma “árvore cósmica” é citada como enraizada no oceano mítico, e em seus frutos estão as sementes de todas as plantas da terra; a árvore é um grande

reservatório genético da vida vegetal, configurando-se como “árvore da vida” em sentido estrito. Também no *Avesta*, é possível encontrar em várias passagens alusões a uma planta divina misteriosa chamada *Gaokərəna* (ou *Gōkarn*), que na tradição *pahlavi* é uma árvore. Tudo leva a crer que a *Gaokərəna* é a planta mítica (*Soma*) desta mesma tradição [HULTGÅRD, 1995, p. 111-114].

No *Bundahišn* IA,11, é descrita a “Planta primordial” criada por Ahura Mazda que em seguida é destruída por Angra Mainyu, o “Espírito do Mal”. Este último e seus demônios sofrem o contra-ataque das entidades primordiais, incluindo o Céu, a Terra, as Águas e a Planta, promovendo assim a continuação da criação material. Aqui, encontramos na “Planta primordial” a associação com a idéia de imortalidade, já que a vegetação passa a ser protegida pelo deus da imortalidade *Amərətātāt*. No *Bundahišn* 16.D5-6 e nas *Seleções de Zātspram* 3.39-40, Ahura Mazda fala da “árvore única portadora de todas as sementes”¹¹. Essa árvore mítica está bem próxima da *Soma* e da *Gaokərəna*, mas com outros elementos míticos.

[...] *De todos estes grãos, a árvore única portadora de numerosas sementes, portadora de remédios, crescia no mar de Fraxvkart, no qual se encontram todas as sementes das plantas, aquelas que provêm do bovino unicamente criado. A cada ano, o pássaro Sēn faz secar esta árvore única e mistura os grãos com água. Tištar os pega e os faz chover sobre as regiões da terra com a água da chuva. Próximo desta árvore única, o hōm branco, curandeiro e puro de toda a mancha, crescia sobre as fontes das água do Ardvīsūr. Quem a come se tornará imortal. O nome dessa árvore é Gōkarn; como dizemos: o hōm que afasta a morte; e no momento da Renovação preparará a imortalidade. Este é o chefe das plantas [...].*

Na verdade, a tradição iraniana separa a “árvore portadora de todas as sementes” da *Soma*, que são as duas grandes “árvores cósmicas”. A “Planta primordial”, mesmo sendo descrita como a *Soma*, fenomenologicamente, apresenta diferenças com as duas grandes árvores míticas. No entanto, Hultgård apresenta argumentos filológicos, que infelizmente não tenho como desenvolver aqui, para mostrar a ligação da “árvore cósmica” do BY com a “árvore portadora de todas as sementes”¹² [HULTGÅRD, 1995, p. 117-118].

O aspecto cósmico da árvore mítica do BY a torna símbolo da criação do mundo, já que é uma variante da “árvore única portadora de sementes”. Também símbolo de criação do mundo é o “homem primordial” indiano descrito por Bardesanes (*Bar Daisan*), gnóstico sírio que viveu de 155 a 223 d.C. e teve contato com a natureza da religião indiana a partir de um brâmane. É a partir dele que se tem contato com a figura do “homem primordial” nesta cosmogonia¹³. Segundo ele, o “homem primordial” estaria de braços estendidos (o que se pode imaginar como em posição semelhante à de uma árvore), e no centro da terra. Sendo andrógino, esse “homem primordial” corresponde ao corpo do Deus supremo (*Visnu-Nārāyana*), assim como todos os homens do primeiro período do mundo, que são representações do microcosmos.

[...] Em uma caverna, situada sobre a montanha ao centro do mundo, se encontra a estátua de um homem, cuja altura é de 10 a 12 cúbitos [cerca de 5 a 6 metros]. Este homem está de pé, os braços estendidos, como se estivessem crucificados. Sua metade direita é masculina, ao passo que sua metade esquerda é feminina. Sobre o lado direito de seu busto se encontra o sol, do lado esquerdo a lua. Abaixo dos seus braços estão figurados vários seres espirituais [anjos] e tudo o que existe no mundo: o céu, as montanhas, o mar, os rios, o oceano, as plantas, os animais. Deus deu esta estátua a seu filho a fim de ter um modelo no momento da criação do mundo [...].

No “Hino de Skambha” (*Atharvaveda* 5.32-34), Indra é simbolizado por um tronco, o que faz com que a conexão entre o mito do “homem primordial” e o da “árvore cósmica” do BY seja ainda mais explícita. O corpo de Deus passa então a ser a própria “árvore cósmica”, propiciadora da vida e o “homem primordial”, sendo sua cópia e gerando novos homens, acaba por ter a função de portador da semente da vida.

A multiplicação dos homens a partir do “homem primordial” está diretamente ligada ao esquema das quatro eras indianas, as *yugas*, descritas no *Mahābhārata*. As “quatro idades do mundo” significam os quatro períodos de vida de corpo divino, sua piora gradual e seu envelhecimento. São elas: *krita*, *treta*, *dvāpara* e *kali* e representam uma degradação sucessiva. No primeiro período, *krita*, o *dharma* (“lei”) domina o universo e a vida de cada

homem dura 4000 anos, eles têm juventude eterna, os deuses e os demônios ainda não existem e a cor de *Visnu* é branca; no segundo período, *treta*, já há uma divisão entre homens e mulheres, surgem as profissões e a propriedade individual e o *dharma* é reduzido em um quarto, bem como a vida dos homens, e a cor de *Visnu* é vermelha; no terceiro período, *dvāpara*, o *dharma* é diminuído em outro quarto, as moléstias e a avareza atacam os homens e a cor de *Visnu* é amarela; no último período, *kali*, todas as catástrofes manifestam-se e a população diminui, os homens são pequenos e fracos, só resta um quarto do *dharma*, propagam-se as heresias e a cor de *Visnu* é negra [WIDENGREN, 1995, p. 24-25]. O paralelo com a degeneração da raça humana em *O trabalho e os dias* de Hesíodo é evidente e muitos dos males se assemelham:

Raça de Ouro

[...] *Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava; como deuses viviam, tendo despreocupado coração, apartados, longe de penas e misérias; nem temível velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos, alegravam-se em festins, os males todos afastados, morriam como por sono tomados [...].*

Raça de Prata

[...] *e quando cresciam e atingiam o limiar da adolescência pouco tempo viviam padecendo horríveis dores por insensatez; pois louco Excesso não podiam conter em si, nem os imortais queriam servir [...].*

Raça de Bronze

[...] *nenhum trigo eles comiam e de aço tinham resistente o coração; [...] E por suas próprias mãos tendo sucumbido desceram ao úmido palácio do gélido Hades [...].*

*Raça dos Heróis*¹⁴

[...] *Zeus Cronida fez mais justa e corajosa, raça divina de homens e heróis e são chamados semideuses, geração anterior à nossa na terra sem fim [...].*

Raça de Ferro

[...] *Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia cessarão de labutar e penar e nem à noite de se destruir; e árduas angústias os deuses lhes darão [...].*

Parece haver relação entre as *yugas* indianas e as quatro idades representadas por galhos metálicos em BY 1. Em ambas as eras são divididas em quatro (sendo que no “apocalipse” persa elas são mais ou menos “historicizadas”, como vimos) e também há uma degradação gradual dos tempos, idéia que pode ser relacionada ao curso do ano e à passagem das estações. É evidente que o BY mostra-se mais complexo em sua estrutura, mas é também clara sua conexão com a cosmogonia indiana relativamente não só às “quatro idades do mundo”, mas também ao papel da “árvore cósmica”. E não só isso, as duas tradições possuem uma “árvore da vida” (*aśvattha* e *Gaokərəna*, já citadas) ao centro do mundo, onde em seus galhos se encontram seres divinos encarregados de levar sementes ou a *Soma* para o deus da chuva - *Indra* para os indianos e *Tištār* para os iranianos [VIENNOT, 1954, p. 30].

A partir destas informações, poderíamos ver também uma conexão entre o “homem primordial” indiano, com seu corpo disposto como uma árvore, e a estátua daniélica? Afinal, ambas são estátuas que mostram uma forte ligação com a “árvore cósmica” do BY, e no caso da tradição daniélica isso fica mais evidente ainda após a análise do manuscrito 4Q552-553. Há, portanto, a possibilidade da estátua de Dn 2 estar de braços abertos no sonho do rei babilônico, como o homem citado por Bardesanes, mostrando não só paralelos com a árvore do BY, que já são bastante óbvios, mas também com o mito indiano. O papel da “árvore cósmica” é um dos carros-chefe desta investigação, que pretende mostrar a passagem de um complexo mítico de origem indiana pelos universos culturais iraniano e judaico, entrelaçando funções semelhantes nas três tradições.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BOYCE, Mary. On the Antiquity of Zoroastrian apocalyptic. *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47, 1984, p. 57-75.

BOYCE, Mary. *Zoroastrians: Their Religious Beliefs and Practices*. London / New York: Routledge & Kegan Paul, 1979.

CERETI, Carlo G. (ed.). *The Zand I Wahman Yasn, A Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995.

COLLINS, Adela Y. Numerical symbolism in Jewish and Early Christian apocalyptic literature in: HAASE, Wolfgang e TEMPORINI, Hildegard (eds.). *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Berlin: De Gruyter. (ANRW), 1984, p. 1222-1287.

COLLINS, John J. (ed.). Persian Apocalypses. *Semeia* 14, 1979, p. 207-217.

COLPE, Carsten. Sethian and Zoroastrian ages of the World. *The Rediscovery of Gnosticism*. Leiden: B. Layton, 1981. Vol. 2, p. 540-562.

EDDY, Samuel. *The king is dead: studies in the Near Eastern resistance to Hellenism* 334-31 B.C. Lincoln: University of Nebraska Press, 1961.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano - a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FLUSSER, David. Os quatro impérios no Quarto Sibila [sic] e no livro de Daniel in: FLUSSER, David (ed.). *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. Vol. 2.

GARCÍA-MARTÍNEZ, Florentino. 4Q Pseudo Daniel Aramaic and the Pseudo Daniel literature in: GARCÍA-MARTINEZ, Florentino (ed.). *Qumran and Apocalyptic: Studies on the Aramaic Texts from Qumran*. Leiden: Brill, 1992.

- HARTMAN, Lars. The functions of some so-called apocalyptic timetables. *New Testament Studies* 22, 1976, p. 1-14.
- HASEL, Gerhard. The four world empires of Daniel 2 against its Near Eastern environment. *Journal for the Study of the Old Testament* 12, 1972, p. 17-29.
- HULTGÅRD, Anders. Mythe et histoire dans l'Iran Ancien in: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyptique iranienne et dualisme qoumrânien*. Paris: Adrien Maisonneuve, 1995.
- HULTGÅRD, Anders. Persian apocalypticism in: COLLINS, John J. (ed.). *The Encyclopedia of Apocalypticism in Judaism and Christianity*. New York: Continuum, 1998, Vol. 1, p. 39-83.
- LECHLER, George. The Tree of life in Indo-European and Islamic cultures. *Ars Islamica* 4, 1937, p. 369-420.
- LAFER, Mary de Camargo N. (ed.). *Os trabalhos e os dias - Hesíodo*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- PARPOLA, Simo. The Assyrian Tree of Life: Tracing the Origins of Jewish Monotheism and Greek Philosophy. *Journal of Near Eastern Studies* 52 (3), 1993, p. 161-208.
- VERMÈS, Geza. *The Complete Dead Sea Scrolls in English*. London: Penguin, 1997.
- VIENNOT, Odette. Le cult de l'arbre dans l'Inde ancienne. Paris: P.U.F., 1954.
- WIDENGREN, Geo. Les quatre ages du monde in: WIDENGREN, Geo et alli. *Apocalyptique iranienne*, op.cit.
- WINSTON, David. The Iranian component in the Bible, Apocrypha and Qumran: a review of the evidence. *History of Religions* 5, 1966, p. 183-216.

* Adaptação da comunicação feita no “VII Seminário de Estudos de Apocalíptica / I Seminário Interno do Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ - / I Seminário do GEA - UMESP-UnB” em Brasília de 28/11 a 01/12/2006. Para a leitura do texto persa *Bahman Yašt* utilizo a tradução de CERETI, 1995 e para o *Bundahišn* HULTGÅRD, 1995. Para o relato de Bardesanes por *Stobias* faço uso do TLG e de WIDENGREN, 1995. Para o livro de Daniel utilizo a Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulinas, 1985) e para o fragmento dos Manuscritos do

Mar Morto 4Q552-553 a edição de VERMÈS, 1997. Para *O trabalho e os dias* utilizo a tradução de LAFER, 2006.

¹ De agora em diante, o *Bahman Yašt* será abreviado para BY.

² Aqui temos uma possível alusão aos casamentos entre Selêucidas e Ptolomeus.

³ A definição em *pahlavi* para *dēws* é “inimigos demoníacos”. Mary Boyce acredita que, pelo menos na versão original, eles deviam ser identificados com os macedônicos.

⁴ 4Q552-553: “[Eu vi um anjo] 2. permanecendo sobre o que ilumina (brilhava) e quatro árvores [ficaram ao lado] dele. E as árvores levantaram-se e afastaram-se dele. E ele disse [a mim: Você vê] esta figura? E eu disse: Sim. Eu a vi e a tomei em consideração. E eu vi a árvore...estabelecida. E eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? E ela me disse: Babel. E eu disse a ela: Você é a que reina sobre a Pérsia? E eu vi outra árvore... e eu lhe perguntei: Qual é o seu nome? [E ela me disse:... e eu lhe disse: [Você é a q[ue reina sobre to]dos os poderes do mar e sobre os portos [e sobre]...? [E eu vi] a terceira árvore [e] eu disse [a ela: Qual é o seu nome e por que] a sua aparência... 3. ...Deus Altíssimo...”.

⁵ Além desta distinção, em Dn 2 o reino dos babilônicos é anterior ao persa, ao passo que em 4Q552-3 há uma inversão da ordem.

⁶ A tradução de tal passagem em Dn 4-5 (LXX) apresenta variações sensíveis na descrição da “árvore cósmica”, o que a torna uma variante independente do mito. Nessa variante, o grande tamanho da árvore é fortemente evidenciado, a amplitude dos ramos indicados por medidas e sua folhagem é cheia de tudo que está abaixo do céu. Também mostra o sol e a lua habitando a árvore e iluminando toda a terra.

⁷ Segundo o mesmo, a árvore estilizada com significados religiosos já aparece em 4000 a.C. na Mesopotâmia e em 2000 a.C. já está difundida no Oriente Próximo.

⁸ O *Bundahišn* mantém-se em duas recensões: o “Grande *Bundahišn*” e o “Pequeno *Bundahišn*”, indiano. Mary Boyce considera que esses textos podem ser em parte pré-zoroastrianos e muitos estudiosos afirmam que estes reproduzem material perdido do avéstico *Dâmdât Nask*.

⁹ Do avéstico *Vī-Daēvô-Dāta*, “dado contra os demônios”, coleção de textos do Avesta que configura um código eclesiástico e não um manual litúrgico. Principal fonte da lei zoroastriana, é uma enumeração de várias manifestações a espíritos maléficos e de maneiras de confundi-los.

¹⁰ *Rašnu* é a divindade da justiça e da ordem na mitologia iraniana.

¹¹ O *hōm* é tido como o equivalente da *Soma* védica.

¹² Hultgård analisa as formas com que aparecem a menção à “árvore cósmica” do BY e à “árvore portadora de todas as sementes” no *Bundahišn* e nas *Seleções de Zātspram*, pois o texto *pahlavi* não deixa claro as semelhanças semânticas dos dois termos. Ambas as árvores tem em seu nome original o epíteto de “só”, “única” derivadas do avéstico *aēva-*, que também mostra a ligação desta “árvore única” com o “bovino primordial” que também recebe o nome de “unicamente criado” (*ēvdāt* ou *ēvkdāt*, de prefixo derivado do *aēva-*).

¹³ Tal relato de Bardesanes consta na *Écloga* de Stobias (Stobias 2.2, tal como preservado em Fócio, *Biblioteca* - texto bizantino do séc.IX), compilador macedônico do séc. V d.C.

¹⁴ Nota-se aqui um novo elemento no mito dos metais representando as “quatro idades do mundo”. A Raça dos Heróis, além de se interpor entre os metais, também altera a sequência degenercente do texto ao falar de um período tranquilo antes da Raça de Ferro.